



CF (FN) **Maurício** Corrêa de Souza
mauricio.souza@marinha.mil.br

A Guerra Fria e a Crise no Arcabouço Teórico Militar dos EUA: uma Mudança de Paradigma na Guerra



O CF (FN) **Maurício** serve no CDDCFN como Assessor de Avaliação e Apoio ao Adestramento. Oriundo do Colégio Naval, graduou-se em Ciências Navais pela Escola Naval em 2000. Concluiu, dentre outros: Curso de Aperfeiçoamento para Oficiais do CFN (CIASC), MBA em Finanças Corporativas e Mercado de Capitais (UFF), Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (EGN), Curso de Gestão Empresarial (COPPEAD, UFRJ), *Command and Staff College (Marine Corps University)* e *Master of Military Studies (Marine Corps University)*. Dentre suas comissões, destacam-se: BtlEngFuzNav, como Comandante de Pelotão de Pioneiros; CiaApDbq, como Oficial de EM; GCM, como Ajudante de Ordens do CM; e Escola Naval, como Comandante de Batalhão. Participou ainda da MINUSTAH: em 2006 no GptOpFuzNav-5ºContingente e em 2013 no JMAC.

O fim da Segunda Guerra Mundial (II GM) deu origem a um período de conflito indireto entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) conhecido como Guerra Fria. As duas superpotências que emergiram da II GM protagonizaram uma disputa para aumentar sua influência sobre outros países e propalar seus respectivos sistemas político-econômicos. No entanto, a competição multifacetada entre capitalismo e socialismo evoluiu em diversas vertentes, tais como ideologia, tecnologia, liberdades sociais e capacidades militares. Este último curso, combinado com as tecnologias emergentes à época, desafiou a política de defesa dos EUA e suas consagradas estratégias militares, engendrando uma crise no modelo vigente que resultou em uma mudança de paradigma da Ciência Normal.¹ Destarte, a era da Guerra Fria não representou apenas uma disputa entre dois sistemas político-econômicos, mas também uma crise no arcabouço teórico militar dos EUA que conduziu a uma mudança de paradigma na guerra, resultante de dois fatores principais: o advento da bomba nuclear e a Guerra da Coreia.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, autores visionários e líderes militares anunciaram que o poder aéreo deveria conduzir a estratégia militar.² As décadas de 1920 e 1930

representaram os anos dourados do pensamento estratégico sobre o ar, e teóricos e oficiais advogaram por um papel mais central do poder aéreo que excederia seu mero apoio à Marinha e ao Exército. Em face do poder do bombardeio estratégico, os autores mais dogmáticos chegaram a acreditar que o Exército e a Marinha haviam se tornado obsoletos.³ A II GM provou que o poder aéreo era capaz de desempenhar esse papel fundamental, como ocorreu na Batalha da Grã-Bretanha em 1940, na qual o controle aéreo – a batalha aérea independente – foi vital para a sobrevivência do Reino Unido, em lugar do tradicional controle marítimo. No entanto, a invasão alemã à Polônia e à França evidenciou que a aviação também era crucial no apoio às forças terrestres – blitzkrieg.⁴ No curso da evolução do pensamento do poder aéreo, um evento perturbador chamou a atenção dos estrategistas ao apresentar “um novo tipo de guerra.”⁵

¹Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996. p. 10, 111

²Desde 1919, Hugh Trenchard desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da doutrina aérea britânica e no futuro da Força Aérea Real, razão pela qual o Marechal é considerado seu pai. O General italiano Giulio Douhet escreveu o primeiro livro dedicado ao papel da aviação: *Il dominio dell'aria* (1921). Nos Estados Unidos, o General Billy Mitchell, autor do livro *Winged Defense* (1924), foi o principal defensor de uma Força Aérea independente.

³McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 5

⁴O italiano Amedeo Mecozzi, oposição a Douhet, defendia a existência de dois corpos de aviação distintos para realizar bombardeios estratégicos e apoio às forças terrestres. O alemão Hans Ritter, autor do livro *Der Luftkrieg* (1926), expôs a relativa eficiência do bombardeio diante da defesa aérea. O americano William C. Sherman escreveu o livro *Air Warfare* (1926), uma síntese equilibrada sobre aspectos estratégicos e táticos, longe do unilateralismo de outros autores. Na URSS, enquanto Alexander Lapchinski criticava Douhet, o Major Ivanov argumentava sobre a importância de operações aéreas independentes com objetivos estratégicos.

⁵McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 6

Figura 1: Bombardeio aéreo.



Fonte: Disponível em: <https://c.files.bbc.co.uk/ADA1/production/_97594444_b29-bombing-keystone.jpg>. Acesso em: 07 out. 2020.

Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, o lançamento de duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki levou o Imperador Japonês à rendição, mas também promoveu um debate sobre a natureza das futuras guerras, iniciando uma era controversa na defesa nacional dos EUA.⁶ Em primeiro lugar, a ideia de que um bombardeio nuclear estratégico terminaria uma guerra em minutos tornou a mobilização de um exército um movimento inadequadamente lento. Em segundo lugar, a Marinha dos EUA não poderia mais desempenhar seu papel de primeira linha de defesa, pois se tornaria incapaz de proteger a pátria. Esses dois fatores desafiaram não apenas a primazia da Marinha e a importância do Exército dos EUA, mas também sua própria existência.⁷ Ironicamente, a II GM também provou a necessidade de aumentar a capacidade das Forças de operar conjuntamente.⁸ Contudo, os limites de cada Força nesse novo tipo de guerra precisavam ser esclarecidos.

Por exemplo, a Marinha, o Exército e o governo discordaram sobre a criação de uma Força Aérea independente.⁹ Em 1949, o General Omar Bradley, oficial do Exército estadunidense e Chefe do Estado-Maior Conjunto, previu que “operações anfíbias em larga escala nunca mais ocorreriam”, desafiando a própria existência do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA.¹⁰ Em suma, vários aspectos daquilo que Thomas Kuhn¹¹ chamaria de ciência normal militar estavam em jogo, e a incerteza provocou uma crise no modelo vigente. Para encontrar uma solução – ou uma nova teoria para substituir o paradigma anterior nas palavras de Thomas Kuhn – o governo dos EUA adotou várias medidas, tais como a Lei de Segurança Nacional de 1947, que estabeleceu um comando militar unificado subordinado ao Secretário de Defesa

⁶Idem.

⁷Ibidem, p. 7

⁸Ibidem, p. 14

⁹McFarland, Keith D. *The 1949 Revolt of the Admirals, Parameters Journal of the US Army War College XI*, no. 2, 1981, p. 53

¹⁰Heinl, Robert D. *The Inchon Landing: A Case of Study in Amphibious Planning*, *Naval War College Review LI*, no. 2, 1998, p.118

¹¹Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996, p. 77

e criou a Força Aérea independente.¹² Enquanto teóricos e estrategistas debatiam a estrutura ideal para orientar o preparo e o emprego das forças armadas dos EUA, em suporte à sua política de defesa nacional, uma guerra interna e pragmática por recursos ganhou destaque entre as Forças.¹³

Figura 2: Diagram de Kuhn.



Fonte: Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996, p. 77.

Juntamente à Lei de Segurança Nacional e à forte pressão para reduzir o orçamento de defesa após o término da II GM, o Presidente Truman emitiu a Ordem Executiva 9877, definindo a missão de cada Força. Porém a imprecisão do documento corroborou a disputa entre elas.¹⁴ Em março de 1949, para implementar um grande programa de austeridade e unificar os serviços, Truman nomeou Louis A. Johnson, um político pró-Força Aérea, como o novo Secretário de Defesa.¹⁵ Em menos de um mês, Johnson tomou várias decisões sobre priorização de políticas de informação pública e investimentos, incluindo o cancelamento da construção do novo super porta-aviões da Marinha, privilegiando o Bombardeiro Estratégico B-36. A decisão retirou da Marinha a possibilidade de lançar bombas atômicas de seus aviões e desencadeou a Revolta dos Almirantes, episódio histórico que culminou em uma intervenção do Congresso dos EUA.¹⁶

Após meses de audiências perante o Comitê da Casa das Forças Armadas e a troca de acusações ferozes entre a Marinha, de um lado, e as outras Forças e o Secretário de Defesa, do outro, a investigação do congresso resultou na aposentadoria forçada de vários oficiais da Marinha; em uma profunda queda no moral dos líderes navais; na permanência de um “Secretário de Defesa

¹²McFarland, Keith D. op. cit., loc. cit.

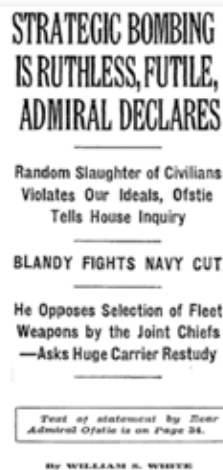
¹³McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 12

¹⁴McFarland, Keith D. *The 1949 Revolt of the Admirals, Parameters Journal of the US Army War College XI*, no. 2, 1981, p. 53; *Executive Order 9877, Executive Orders: Harry S. Truman - 1945-1953*, Harry S. Truman Presidential Library & Museum, <https://trumanlibrary.org/executiveorders/index.php?pid=847&st=&st1=>.

¹⁵McFarland, Keith D. op. cit., p. 55

¹⁶Ibidem, p. 56; McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 8

Figura 3: Bombardeio estratégico é implacável e fútil.



Fonte: *The New York Times*.

anti-Marinha”; e na intensificação do “caso de amor da nação com a Força Aérea”, que conseguiu manter a responsabilidade pelo bombardeio estratégico.¹⁷ No entanto, apesar de todos esses intensos debates e disputas, muitas questões relativas ao papel das Forças em apoio à segurança nacional perante os desafios das guerras futuras, especialmente contra a URSS, permaneceram sem respostas convincentes. Como a arquitetura interna não conseguiu resolver o enigma, um evento exógeno da Guerra Fria trouxe de volta o equilíbrio e realinhou os vetores em direção à solidez doutrinária.

Figura 4: Revolta dos Almirantes.

BRADLEY ACCUSES ADMIRALS OF 'OPEN REBELLION' ON UNITY; ASKS 'ALL-AMERICAN TEAM'

FALSITIES ALLEGED

He Asserts 'Fancy Dans' Owe Public Retraction to Chiefs, Johnson

DEFENSE CALLED HARMED

Gen. Vandenberg Defends B-36 at House Inquiry—Says It Deters Soviet Aggression

Excerpt from Bradley and Vandenberg Testimony Page 4.

By WILLIAM S. WHITE

WASHINGTON, Oct. 19.—Gen. Omar N. Bradley, the country's highest military officer, denounced the Navy's complaining admiral today as man in "open rebellion" against civil authority who had done "infinite harm" to the United States and its world position.

He rebuked them, as some of them sat in white, steel cages that looked like an "Oscar De la Roca"...

DEPLORES AIRING OF GRIEVANCES



Gen. Omar N. Bradley, chairman of the Joint Chiefs of Staff, testifying before the House Armed Services Committee.

Fonte: *The New York Times*.

Quando a Coreia do Norte atacou a Coreia do Sul em junho de 1950, a Marinha, os Fuzileiros Navais e o Exército dos EUA enfrentavam a ameaça de extinção.¹⁸ A perda de importância e a política orçamentária austera de Truman, que favoreceram a Força Aérea, resultaram em um Exército reduzido e despreparado.¹⁹ No entanto, após o anúncio da Doutrina Truman em 1947 — um “programa de apoio militar e econômico para as nações que lutavam contra o expansionismo comunista” — e a formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte

¹⁷McFarland, Keith D. op. cit., p. 61, 62

¹⁸Ibidem, p. 62

¹⁹Carter, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 - 1965*, Center of Military History, United States Army, p. 8

(OTAN) em 1948, a agressão comunista exigia uma resposta contundente. Como o presidente Truman não estava interessado em um confronto direto com a URSS ou mesmo com a China, devido ao risco de uma escalada termonuclear, ele impôs várias restrições aos comandantes militares — embora alguns oficiais defendessem um ataque nuclear contra o *heartland* soviético. Contudo, o número insuficiente de bombas atômicas e o desenvolvimento da capacidade nuclear soviética começaram a evidenciar as limitações da estratégia nuclear.²⁰ Consequentemente, o orçamento da defesa saltou de US\$ 13 para US\$ 47,8 bilhões e as forças convencionais recuperaram importância no pensamento estratégico americano.²¹

Entre a II GM e a Guerra da Coreia, o governo dos EUA considerou a Marinha e o Exército impotentes ante à única ameaça verdadeira para os EUA: a URSS.²² No entanto, após os primeiros 60 dias de guerra e a queda de 30.000 bombas em solo coreano, o poder aéreo sozinho não foi suficiente para resolver o conflito.²³ Nesse contexto, o Comandante Geral do Extremo Oriente General Douglas MacArthur concebeu a Operação Chromite, um Assalto Anfíbio ao porto de Inchon para o qual ele não possuía nem navios nem tropas. Depois de vencer batalhas domésticas nos campos político e estratégico e reunir 230 navios — incluindo 34 da Marinha Japonesa — e 71.000 militares da Marinha, do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais, MacArthur executou seu plano e reverteu o curso da guerra.²⁴ Uma década após o início da Guerra da Coreia, a Marinha já possuía 14 porta-aviões e 16 grupos aéreos.²⁵ Para o Corpo de Fuzileiros Navais, a Batalha de Inchon também contribuiu para o desenvolvimento dos “conceitos de envolvimento vertical, mobilidade aérea, forças expedicionárias navais, suprimentos e equipamentos marítimos pré-posicionados, e a importância da prontidão operativa em tempo de paz.”²⁶ A doutrina do Exército dos EUA não evoluiu muito entre a II GM e a Guerra da Coreia, nem mesmo durante o conflito. No entanto, as experiências de combate que a Guerra da Coreia forneceu constituiriam o ponto de apoio para o desenvolvimento e a implementação de planos, políticas e doutrina nos anos seguintes.²⁷ Além disso, outro resultado estratégico da guerra foi o “estabelecimento de grandes guarnições em solo estrangeiro em tempo de paz,” especialmente na Coreia do Sul e na Europa, para, respectivamente, manter o armistício e impedir a expansão do comunismo, estabelecendo uma nova missão para o Exército dos EUA.²⁸ A Força Aérea também provou ser fundamental para o sucesso do esforço conjunto e conseguiu manter sua independência e a responsabilidade pelo bombardeio estratégico.

²⁰Ibidem, p. 9, 11

²¹McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 12

²²McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 7

²³Kopets, Keith F. Omar Bradley Was Right, *Marine Corps Gazette*, 2003, p. 3

²⁴Ibidem, p. 2

²⁵McFarland, Stephen L. op. cit. p. 11

²⁶Kopets, Keith F. op. cit. p. 1

²⁷Carter, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 - 1965*, Center of Military History, United States Army, p. 9

²⁸Idem.

Embora nos anos que se seguiram à Guerra da Coreia, o Presidente Dwight D. Eisenhower não acreditasse mais em tropas convencionais – em função da ameaça nuclear – a guerra funcionou como um laboratório para as novas teorias, especialmente aquelas baseadas na supremacia do poder aéreo sobre os poderes terrestre e marítimo. Ainda assim, a guerra fez o que Almirantes, Generais e políticos não puderam fazer após a II GM: recuperou o prestígio do Exército, da Marinha e dos Fuzileiros Navais no preparo e emprego estratégico das Forças Armadas estadunidenses em apoio à defesa nacional.

Portanto, além da habitual caracterização como uma disputa entre dois sistemas político-econômicos, a era da Guerra Fria ostenta um grande significado para a estratégia militar, pois ao questionar o arcabouço conceitual sobre o preparo e emprego

da Forças Armadas dos EUA com teorias promissoras sobre a combinação de poder aéreo e capacidade nuclear, este período da história exigiu uma profunda redefinição na organização, doutrina e equipamentos das Forças. Essa mudança de paradigma na guerra se consolidou na Guerra da Coreia, a qual revelou, na prática, que o Exército, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA precisavam de evolução, e não de extinção. Provou, ainda, que apesar de a Força Aérea dos EUA possuir um papel fundamental a desempenhar nas guerras futuras, as outras Forças não poderiam, em hipótese alguma, ser desconsideradas, acentuando a importância das operações conjuntas. A recuperação do equilíbrio entre as Forças foi fundamental para permitir que as forças armadas dos EUA se adaptassem para enfrentar as guerras revolucionárias dos anos vindouros.



Referências

CARTIER, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 –1965*. Washington, DC: Center of Military History, United States Army, 2015.

COUTEAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. Traduzido pela Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

ESTADOS UNIDOS. The White House. *Executive Order 9877*, July 26, 1947. Harry S. Truman Presidential Library & Museum. Disponível em <<https://www.trumanlibrary.gov/library/executive-orders/9877/executive-order-9877>>. Acesso em 04 mar, 2020.

FLOYD, Kennedy, Jr. The Creation of the Cold War Navy, 1953-1962. In: *In Peace and War: Interpretations of American Naval History*, ed. Kenneth J. Hagan and Michael T. McMaster. Praeger Security International, 2008. p. 243-260.

GRAY, Colin S. *Airpower for Strategic Effect*. Air University Press, p. 157-165, 2012.

HEINL, Robert D. "The Inchon Landing: A Case of Study in Amphibious Planning." *Naval War College Review* LI, no. 2, p. 117-134, 1998.

KOPETS, Keith F. 'Omar Bradley Was Right.' *Marine Corps Gazette*. Quantico, VA, p. 1-11, August 2003.

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. 3 ed. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1996.

MCFARLAND, Keith D. The 1949 Revolt of the Admirals. *Parameters, Journal of the US Army War College* XI, n. 2, p. 53-63, 1981.

MCFARLAND, Stephen L. The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm. *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, p. 4-15, 1996.